

As colecções de história natural de Domingos Vandelli incorporadas em 1772 à Universidade de Coimbra

The natural history collections of Domingos Vandelli incorporated in 1772 in the University of Coimbra

João Paulo S. Cabral | Professor universitário aposentado

jpscabral@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-2764-3538>

RESUMO Para a constituição do Gabinete de História Natural da reformada Universidade de Coimbra, Domingos Vandelli (1735-1816) contribuiu com duas colecções de história natural, uma que tinha trazido de Itália em 1764, e outra que preparou em Lisboa, entre 1764 e 1772. Por meio da análise dos inventários dessas duas colecções, foi possível fazer, com razoável segurança e pela primeira vez, que tenhamos conhecimento, uma reconstituição do elenco dos animais e das plantas presentes, que revelaram um conjunto excepcional em termos de quantidade e de diversidade, que muito enriqueceu a então criada Faculdade de Filosofia, tanto na vertente do ensino como de investigação no âmbito da história natural.

Palavras-chave Domingos Vandelli (1735-1816) – Universidade de Coimbra – Gabinete de História Natural.

ABSTRACT *To the organization of the Natural History Cabinet of the reformed University of Coimbra, Domingos Vandelli (1735-1816) contributed with two natural history collections, one he had brought from Italy in 1764, and another he had prepared in Lisbon, between 1764 and 1772. Through the analysis of the inventories of these two collections, it was possible to carry out, with reasonable certainty and for the first time (as far as we know), a reconstruction of the list of animals and plants present, which revealed an exceptional set in terms of quantity and diversity, which enriched the then created Faculty of Philosophy, both in terms of teaching and of research in the field of natural history.*

Keywords *Domingos Vandelli (1735-1816) – University of Coimbra – Natural History Cabinet.*

Domingos Vandelli, italiano de nascimento, português de adopção

Domenico Vandelli (1735-1816), natural de Pádua e filho de um cirurgião e professor na universidade paduana, chegou a Portugal em 1764, não mais deixando este país que o acolhia. Trazia consigo uma colecção de história natural, uma biblioteca com os clássicos e um conhecimento aprofundado da obra lineana. Não se tendo concretizado o seu ingresso no Colégio dos Nobres, os primeiros anos em Lisboa foram de observação e recolha de materiais de história natural e formação de uma colecção com espécimes dos três reinos da natureza. Em 1768, convidado pelo rei, iniciou a criação, no Alto da Ajuda, em Lisboa, de um jardim botânico (Real Jardim Botânico da Ajuda, Jardim Real de Lisboa), com milhares de plantas vindas de todos os continentes. Inserido no projecto de renovação da Universidade de Coimbra promovido pelo marquês de Pombal, foi contratado como professor em 1772, conjuntamente com outros académicos italianos, deixando Lisboa para se instalar na capital do Mondego. Antes de partir, deixou redigido dois preciosos manuscritos, *Historiae Naturalis Lusitaniae*, terminado a 15 de janeiro de 1771, com a lista das plantas em crescimento no jardim da Ajuda e das espécies dos três reinos da natureza que tinha observado nas suas excursões pelo reino, e *Historia Naturalis Olisiponensis*, terminado em 1768-1771, com inventários dos animais, plantas e espécimes do reino mineral observados na região da Grande Lisboa. Deixou ainda publicado *Fasciculus Plantarum* (1771), obra na qual descreve géneros e espécies novas para a ciência, de plantas italianas, brasileiras e portuguesas (Cruz, 1976; Amorim da Costa, 1988; Cabral, 2018, 2022; Cabral, Borges, Costa, 2020).

Em Coimbra, dirigiu a instalação do jardim botânico da universidade que, contudo, ficará aquém do seu projecto inicial. Na universidade, dirigiu a instalação do Gabinete de História Natural, no qual foram incorporadas duas colecções suas, e do Laboratório Químico. Ensinou história natural e química (Cruz, 1976; Amorim da Costa, 1988; Cabral, 2018, 2022; Cabral, Borges, Costa, 2020).

Com a fundação da Academia Real das Ciências de Lisboa em 1779, foi nomeado como um dos sócios fundadores. Com a transformação, em 1788, da Junta do Comércio destes Reinos e seus Domínios em Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação destes Reinos e seus Domínios, foi nomeado deputado dessa importante instituição, passando a viver em Lisboa, e deixando o ensino regular na Universidade de Coimbra (Cruz, 1976; Amorim da Costa, 1988; Cabral, 2018, 2022; Cabral, Borges, Costa, 2020).

Impregnado pelo ímpeto fisiocrata a que o reinado de dona Maria I dava alento, publicou em 1788-1790 um conjunto de memórias que pretendiam contribuir para o relançamento da agricultura e das manufacturas, e para o progresso da ciência útil. Jubilado da Universidade de Coimbra em 1791, foi nomeado director do Real Jardim Botânico e Museu da História Natural da Ajuda. Antes de deixar a Universidade de Coimbra, deixou redigido *Florae et Faunae Lusitanicae specimen*, terminado a 1 de abril de 1787 (todavia só publicado uma década depois), que contém a enumeração das plantas e animais do reino, listas que, contudo, em termos taxonómicos, aquém estavam dos manuscritos terminados antes de 1771. Deixou também publicado *Florae Lusitanicae et Brasiliensis specimen* (1788), trabalho sobretudo dedicado à divulgação de vários géneros e espécies novas da flora brasileira, tendo também o mérito de indicar as propriedades medicinais e tintureiras de plantas nativas e cultivadas em Portugal. Saliente-se ainda a publicação do *Diccionario dos termos technicos de historia natural* (1788) que, com os trabalhos sobre a flora e fauna de Portugal e do Brasil, formam um todo orgânico de adopção e divulgação da

nomenclatura e sistemática lineanas. Redigido em português, esse *Diccionario* era também um contributo relevante para a compreensão da terminologia descritiva (morfológica) usada por Lineu na caracterização das categorias taxonómicas. A publicação da *Memoria sobre a utilidade dos jardins botanicos*, no mesmo volume desse dicionário, forma, com a criação dos jardins botânicos da Ajuda e de Coimbra, uma unidade de acção e entendimento da botânica como ciência útil que urgia divulgar (Cabral, 2018, 2022; Cabral, Borges, Costa, 2020).

Preso na noite de 10 de setembro de 1810 durante a Setembrizada (na sequência da primeira invasão francesa comandada por Junot) juntamente com algumas dezenas de personalidades ligadas à magistratura, comércio, exército, profissões liberais, professorado e clero, supostamente por simpatias com a Revolução Francesa, seria deportado para os Açores, acabando por regressar a Portugal continental em 1814. Nenhum dos presos seria acusado nem condenado em tribunal (Cabral, 2021).

A história natural na Universidade de Coimbra reformada

A história natural entrou na Universidade de Coimbra em 1772 com a reforma pombalina. No Curso Filosófico, era ensinada no segundo ano. A Faculdade de Filosofia substituiu a Faculdade das Artes, considerada nos novos estatutos como “miseravel”, na qual as ciências se encontravam “depravadas e corrompidas”, “degradadas do justo lugar, que merecem” (Estatutos..., 1773, p. 328). A admissão à Faculdade de Filosofia exigia o curso completo de humanidades dos estudos menores, a idade mínima de 14 anos e o domínio do latim e do grego. Na história natural ensinavam-se “as verdades de facto pertencentes aos tres Reinos da Natureza, havidas pela Observação” e ainda as “que somente se podem haver por meio da Experiencia” (p. 336-337). As aulas práticas de história natural decorriam no Gabinete de História Natural ou no Jardim Botânico (p. 340). No curso de História Natural a obra de Plínio era obrigatória, “não sómente pela collecção de factos importantes; mas tambem pela expressão nobre, exacta, e magnifica que infunde nos Leitores huma elevação de espirito, que vale tudo na Filosofia” (p. 358). O uso da *História Natural* de Plínio como bibliografia fundamental, obra enciclopédica é certo, mas fruto da Antiguidade, com as suas inerentes limitações na descrição e interpretação do mundo natural, é surpreendente para um curso que se estabelecia em finais do século XVIII e que pretendia cortar com o passado, tanto mais que uma gigantesca quantidade de bibliografia de história natural tinha sido publicada só no século XVIII, em particular a obra lineana. Domingos Vandelli, lineano convicto e acérrimo defensor e propagandista da revolução desencadeada pelo mestre sueco, ao assumir a regência do curso de História Natural irá usar a obra lineana como bibliografia básica, substituindo a obra de Plínio.

Os estatutos da universidade reformada previam portanto a criação, na Faculdade de Filosofia, de um conjunto de estabelecimentos para o apoio à docência da história natural: 1) o Gabinete de História Natural deveria ter uma “Collecção dos Productos, que pertencem aos tres Reinos da Natureza” (Estatutos..., 1773, p. 388), “procurando-se quanto for possivel, que os mesmos Productos se ordenem methodicamente pelas suas Classes, generos e especies” (p. 389-390); a direcção do gabinete competia ao professor de história natural que devia providenciar para organizar “hum Catalogo bem ordenado de tudo o que estiver no dito Gabinete” (p. 390); 2) o Jardim Botânico, “no qual se mostrem as Plantas vivas”, “se cultive todo o genero de Plantas; e particularmente aquellas, das quaes se conhecer, ou esperar algum prestimo na Medicina, e

nas outras Artes”; as plantas dos “Dominios Ultramarinos” deviam estar representadas (p. 391); a direcção do jardim também competia ao professor de história natural. A menção expressa nesses estatutos da necessidade de no jardim botânico estar representada a diversidade geral do mundo vegetal, se bem que com destaque para as plantas úteis, seguia a prática generalizada dos jardins botânicos europeus que pretendiam neles ver reflectida a imagem do mundo das plantas. Esse projecto será fortemente condicionado pelo marquês de Pombal que limitará o elenco das plantas estritamente às de carácter utilitário (Cabral, 2010).

A 2 de outubro de 1772 começaram as aulas dos novos cursos de Teologia, três dias depois as aulas na Faculdade de Cânones e no dia seguinte, na Faculdade de Leis. A falta de instalações adequadas retardou o início das aulas nas Faculdades de Medicina e de Filosofia. A 3 de outubro, Domingos Vandelli foi encarregado de iniciar as aulas na Faculdade de Filosofia, com uma parte introdutória, enquanto não estivessem criados os estabelecimentos anexos que permitissem leccionar cabalmente as cadeiras de história natural e de química de que era lente-proprietário (Cruz, 1976; Amorim da Costa, 1984, 1988).

Em maio de 1773, o reitor considerou que os estabelecimentos para o ensino das cadeiras da Faculdade de Filosofia estavam prontos, pelo que ordenou aos respectivos professores que principiassem as suas aulas. Domingos Vandelli começou a leccionação completa das cadeiras de história natural e de química a 14 de maio de 1773.

Com Dalla-Bella, Vandelli elabora um primeiro projecto para o Jardim Botânico. No princípio do ano lectivo de 1774, o Jardim Botânico estava pronto a receber as primeiras plantações e sementeiras, que seriam levadas a cabo por Júlio Mattiazzi, então jardineiro do Real Jardim de Lisboa, secundado por João Luís Rodrigues. Contratado como jardineiro pela universidade, com um salário diário de 400 réis, João Rodrigues também trabalha no Gabinete de História Natural, taxidermizando animais e ajudando Vandelli na arrumação definitiva da colecção (Cruz, 1976).

Entretanto Vandelli procurava, com empenho, que se concretizasse o Gabinete de História Natural, estabelecido em 1772. Em 1778 a Congregação da Faculdade de Filosofia pedia a Vandelli indicações para se construírem os armários para a instalação das colecções (Cruz, 1976). Dois anos depois, essas infraestruturas ainda não estavam concluídas, pelo que Vandelli redige uma petição (que será despachada favoravelmente pelo administrador das obras da universidade). Argumenta que, por falta de armários para o acondicionamento das peças, “se tem destruída huá copiosa Collecção de animaes, se tem quebrados, e perdidas muitas outras produções Naturaes e se vay destruindo o q.º fica”. Essa falta de arrumação impedia a realização do catálogo do gabinete, “tão necessário” (Cruz, 1976, p. 62). Em 1782, em carta enviada para Correia da Serra, Vandelli anunciava que o gabinete estava quase pronto, estando já duas salas arrumadas só faltando organizar a sala maior do reino animal (Cruz, 1976).

As colecções de história natural de Vandelli incorporadas na Universidade de Coimbra reformada

Para a organização do Gabinete de História Natural, Vandelli contribuirá com duas colecções, uma que tinha trazido de Itália, e uma outra que tinha organizado em Lisboa, no período compreendido entre a sua chegada (1764) e a ida para Coimbra (1772). A universidade adquirirá

uma terceira colecção a Joseph Rollem Van-Deck, pelo valor de 1.600\$000 (Cruz, 1976; Amorim da Costa, 1984, 1988).

A colecção de história natural italiana que Vandelli constituiu em Pádua foi comprada por dez mil cruzados (ca. 4.800\$000¹), uma quantia elevada.² Chegaram até nós vários inventários dessa colecção. O mais completo é um impresso intitulado *Conspectus Musei Dominici Vandelli. Patavii 1763* que se encontra na Torre do Tombo em Lisboa (TT, Ministério do Reino, cx. 628, mç. 504, mct. 1, n. 1, *Conspectus Musei Dominici Vandelli*). Pela data é possível que tenha sido impresso em Itália por Vandelli ou a seu pedido, antes de vir para Portugal. Tem uma capa com o seguinte título escrito à mão: "Breve catalogo do Muséo, que veyo de Italia, e foi remetido a esta Universidade". O texto em latim tem uma introdução em que se refere que "este Museu teve a sua origem nas viagens feitas em vários momentos por Vandelli" por várias regiões de Itália, e que ele próprio tinha escrito uma história natural da região de Milão, uma referência muito provável ao manuscrito *Saggio d'Istoria Naturale del Lago di Como, della Valsasina e altri luoghi lombardi*, terminado em 1763, escrito pouco antes de ter vindo para Portugal. Nas suas excursões tinha descoberto espécies novas de animais e plantas "além de vários minerais riquíssimos". Essa colecção de exemplares de Itália tinha enriquecido uma colecção que já tinha organizado "com a ajuda de seus amigos", do "Egipto, Grécia, Sicília, Gália, Alemanha etc.". Segue-se um inventário da colecção, com a indicação de minerais, pedras preciosas, rochas, terras, metais, sais, fósseis, conchas de moluscos marinhos, lacustres, fluviais e terrestres, corais, esponjas, caranguejos, peixes, insectos, partes de animais, crocodilos, "preparações anatómicas do corpo humano", madeiras, frutos exóticos, fungos, "plantas monstruosas", resinas e bálsamos. O último conjunto (XXVIII) da colecção era de antiguidades, urnas, vasos lucernas, ídolos, votos, e cerca de três mil moedas romanas. Aparentemente pelo mesmo punho de quem redigiu a capa, foi acrescentado no final da lista o conjunto XXVI, que de facto estava em falta entre o XXV e o XXVII, um "*Herbarium*". Existe um inventário sucinto dessa colecção, datado de 1779, feito por José Monteiro da Rocha e João António Dalla-Bella, professores da universidade, que se encontra no Arquivo da Universidade de Coimbra, tendo sido transcrito e publicado por Lúcia Cruz em 1976 (Doc. I, Cruz, 1976, p. 38-39). Do reino animal, a colecção continha "preparações anatómicas", esqueletos diversos, "abortos de idades diferentes, conservados em espirito de vinho", "conchas raras entre varios testaceos" (moluscos) e "Lithoficos" (corais, cnidários). Do reino mineral, continha colecções "de Marmores diferentes da Italia" e outros países, de "Minas Metallicas", de "Petrificados" (fósseis) de animais e de plantas, de pedras preciosas, como

- 1 O cruzado foi mandado cunhar pela primeira vez por dom Afonso V em 1457. Era inicialmente de ouro, pesando 3,56 gramas. No reinado de dom João I surgiu o real que se estabeleceu como unidade monetária durante quatro séculos. Com o passar do tempo o valor do cruzado foi aumentando. Inicialmente valia 253 réis, ao tempo de dom João II já equivalia a 380, e com dom Manuel I 400 réis. A cunhagem do cruzado em ouro terminou em meados do século XVI. Durante a Restauração sua cunhagem foi retomada, mas agora em prata. O cruzado novo de ouro foi mandado cunhar pela primeira vez por dom João V em 1718, repetindo-se a cunhagem nos reinados subsequentes até 1821. O seu valor era equivalente ao do cruzado novo de prata, mandado cunhar pela primeira vez por dom Pedro II, cerca de 480 réis (Cruzado, 1935-1957, p. 173-174).
- 2 Para ter uma noção do valor elevado pago pela colecção, que os autores do inventário consideraram que valia "muito bem a quantia" "ponderando as grandes despesas, que erão necessárias para formar huma tão numeroza, e escolhida Collecção", refira-se que os salários diários típicos (em réis) para este período eram os seguintes (Godinho, 1955, p. 82, 193): trabalhador agrícola: 80 (Porto); carpinteiro, pedreiro, azulejador, canteiro ou pintor (Lisboa), mestre: 350-450, aprendiz: 100-240 e que 1 kg de trigo, centeio, milho e arroz, custava 57, 33, 28 e 59 réis, respectivamente, um litro de azeite, 214 réis, uma galinha, 240 réis, uma ovelha, 600 (Godinho, 1955, p. 16, 56, 80, 82).

topázios, esmeraldas e crisólitos, e de “diferentes terras, tanto primitivas, como derivativas”. Do reino vegetal, “huma copiosissima Collecção de Plantas Secas bem conservadas, e dispostas, em claces, conforme o Systema de Linneo, em muitos armarios” (um herbário), e ainda “huma grande” colecção de madeiras, frutos, sementes” e outras couzas semelhantes”. Além desses objectos de história natural, a colecção continha também medalhas romanas, muitas de prata e algumas de ouro, lucernas, vasos cinerários, e uma estátua de um centauro de prata.

A presença nesse gabinete de um herbário organizado segundo o sistema Lineu é relevante, considerando que Vandelli chegou a Portugal em 1764 e a primeira edição de *Species Plantarum*, a obra fundadora da moderna taxonomia das plantas, foi publicada por Lineu em 1753. É muito provável que nesse herbário estivessem exemplares das espécies novas de Itália que Vandelli só descreveria e publicaria quando já estava em Portugal, na sua obra *Fasciculus Plantarum*, publicado em 1771 (Cabral, 2018).

No manuscrito *Saggio d'Istoria Naturale del Lago di Como, della Valsasina e altri luoghi lombardi*, escrito pouco antes de ter vindo para Portugal, Vandelli (1989, p. 85) fez uma referência ao “meu Gabinete de História Natural” que estava acomodado em “vinte grandes armários” que continham, além de mais de três mil moedas e medalhas italianas, “muitas coisas estranhas e raras” e “produções naturais de Modena e da Toscana”. Tinha também 14 caixas com produções de Milão. Terá sido essa ou parte dessa colecção que Vandelli trouxe para Portugal e vendeu à Universidade de Coimbra.

Da segunda colecção de história natural comprada a Vandelli (por três mil cruzados), organizada durante o tempo que tinha estado em Lisboa, entre 1764 e 1772,³ existem vários inventários (um dos quais, o mais sucinto, datado de 1779, feito também por José Monteiro da Rocha e João António Dalla-Bella e escrito na continuação do inventário da primeira colecção) que também foram transcritos e publicados por Lígia Cruz em 1976. O inventário mais completo está escrito em italiano e em latim, datado de 1772, apresenta os nomes científicos dos animais, das plantas e dos minerais, encontrando-se o original na Biblioteca Pública de Évora (Doc. III de Cruz, 1976, p. 42-47). Um outro inventário, escrito em português e terminado em Coimbra, a 15 de março de 1777, só com os nomes comuns das espécies, encontra-se no Arquivo da Universidade de Coimbra e na Torre do Tombo em Lisboa⁴ (Doc. IV de Cruz, 1976, p. 48-50). Um quarto inventário, também escrito em português, encontra-se no Arquivo Histórico Ultramarino (Doc. V de Cruz, 1976, p. 50-54). A análise que faremos de seguida basear-se-á principalmente no inventário que apresenta os nomes científicos dos animais (Doc. III de Cruz, 1976, p. 42-47), complementando (e esclarecendo algumas dúvidas de interpretação) com os dois inventários escritos em português.

Esta colecção, que Vandelli considera ser “fruto do meu trabalho, e das despesas que fiz ao longo de sete anos”, continha “dos três Reinos Animal, Vegetal e Mineral uma cópia das produções suficientes para iniciar o estudo da História Natural” (Doc. III de Cruz, 1976, p. 42). O catálogo contém nomes de espécies, mas algumas entradas só contêm o nome genérico. Parece estar incompleto. Certamente que a ele não dedicou o tempo necessário. Aliás Vandelli confessa no manuscrito não ter tido tempo de o completar (“peranche non o avuto tempo per

3 “P.a fazer esta Collecção gastei oito años” (Doc. IV, Cruz, 1976, p. 50).

4 TT, Ministério do Reino, cx. 628, maço 504, mct. 1, n. 1, “Breve Relaçam do Musêo da Historia Natural, que o Doutor Domingos Vandeli tinha na Ajuda, no Real Jardim Botanico, e de que no anno de 1772 fez presente a esta Universidade, do qual se tem servido até agora, para as Lições de Historia Natural”.

estendere” (Doc. III de Cruz, 1976, p. 42). A maior parte dos nomes de animais referidos nesse catálogo encontram-se nos inventários da fauna portuguesa e exótica (animais que viveriam em parques e jardins) presentes nos manuscritos *Historiae Naturalis Lusitaniae* e *Historia Naturalis Olisiponensis* (Cabral, 2018, 2022; Cabral, Borges, Costa, 2020). É provável que muitos desses animais tenham sido recolhidos ou capturados pelo próprio Vandelli ou por alguém por si instruído, para a elaboração desses dois inventários, redigidos em Lisboa, entre 1764 e 1772. Dos animais exóticos a origem mais comum é o Brasil, facto natural atendendo às relações que existiam entre a metrópole e o território ultramarino sul-americano. Esses animais exóticos terão sido trazidos do Brasil vivos, ou já conservados em álcool ou taxidermizados. Outros são animais da fauna da América do Norte e Central, e outros ainda da Ásia. Admitimos que Vandelli os tenha comprado ou trocado por outros, a colecionadores de história natural ou mesmo a naturalistas de outros países. Apesar de incompleto, a análise desse catálogo permitiu-nos confirmar que o trabalho que Vandelli desenvolveu em Lisboa, no Real Museu de História Natural da Ajuda, foi de grande amplitude e envergadura (Cabral, 2018, 2022; Cabral, Borges, Costa, 2020) e a excepcional riqueza e diversidade inicial do Gabinete de História Natural da Universidade de Coimbra.

Em termos de mamíferos, a colecção continha exemplares aberrantes e mutantes, tão ao gosto da época, como abortos humanos,⁵ um elefante e um cão “monstruosos”⁶ e “um gato com duas cabeças”, e ainda espécimes (certamente taxidermizados) ou partes dos seguintes animais (ordem da catálogo):⁷ armadilha,⁸ ouriço,⁹ espinhos de porco-espinhos, cabra do Brasil, chifres de rinoceronte,¹⁰ chifres de veado,¹¹ zebra-africana,¹² rato-branco, ratinho-dos-pântanos-de-orelha-grande,¹³ e toninha-comum.¹⁴

5 “Feto umano monstruoso de dois cabeças embalsamado”; “Outro também monstruoso com dois cabeças, 4 braços, e 4 pernas em spr.o [espírito] de vinho” (Doc. IV, Cruz, 1976, p. 48).

6 “Cão com sette pernas” (Doc. IV, Cruz, 1976, p. 48).

7 Nos inventários escritos em português está também referenciado “Dente de Vaca marina”, possivelmente a espécie da Amazónia, *Trichechus manatus* Linnaeus, 1758.

8 *Dasyus* Linnaeus, 1758. Nos inventários escritos em português referido como “tatu”, outro nome comum desses animais.

9 Só indicado o nome genérico, mas deve tratar-se de *Erinaceus europaeus* Linnaeus, 1758, o ouriço-cacheiro europeu, mencionado por Vandelli nos inventários da fauna portuguesa e referido nos inventários escritos em português como “Oüriço caxeiro”.

10 Um dos exemplares era de rinoceronte africano. Nos inventários em português indicou “Dois puntas de Rinoceronte”.

11 *Cervus* Linnaeus, 1758. Nos inventários da fauna portuguesa, Vandelli menciona o veado, *Cervus elaphus* Linnaeus, 1758.

12 *Equus zebra* Linnaeus, 1758.

13 *Mus longipes* Linnaeus, 1758, uma espécie africana.

14 *Delphinus phocoena* Linnaeus, 1758, espécie da fauna portuguesa inventariada por Vandelli.

Em relação às aves, existiam exemplares (certamente taxidermizados) dos seguintes animais (ordem da catálogo): abutres,¹⁵ falcões,¹⁶ papagaios,¹⁷ tucanos,¹⁸ cuco do Brasil,¹⁹ pica-paus,²⁰ guarda-rios,²¹ poupas,²² trepadeiras-de-mel,²³ beija-flor,²⁴ cisnes,²⁵ alças,²⁶ andorinhas,²⁷ grou-ameriano,²⁸ galinholas,²⁹ maçaricos,³⁰ borrelhos,³¹ galeirões,³² jacanas,³³ frangos-d'água,³⁴ ovos de avestruz,³⁵ pavão-real,³⁶ galos,³⁷ "um com duas cabeças, o outro com quatro pernas", faisão-dourado,³⁸ faisão-prateado,³⁹ perdiz-cinzenta,⁴⁰ uma "com abdómen branco" e outra

- 15 *Vultur aura* Linnaeus, 1758, uma espécie americana.
- 16 *Falco* Linnaeus, 1758. Nos inventários da fauna portuguesa, Vandelli identificou várias espécies.
- 17 *Psittacus ararauna* Linnaeus, 1758, uma espécie da América do Sul; *Psittacus canicularis* Linnaeus, 1758, uma espécie da América Central; *Psittacus rufirostris* Linnaeus, 1758.
- 18 *Ramphastos tucanus* Linnaeus, 1758, uma espécie da América do Sul, incluindo o Brasil. Nos inventários escritos em português está indicado "Cabeça de Tucano da Índia", mas as espécies lineanas então descritas eram todas das Américas.
- 19 *Cuculus* Linnaeus, 1758.
- 20 *Picus martius* Linnaeus, 1758, uma espécie europeia; *Picus principis* Linnaeus, 1758, uma espécie da América do Norte, hoje provavelmente extinta; *Picus hirundinaceus* Linnaeus, 1758, uma espécie da América do Norte. Nenhuma dessas espécies existe em Portugal.
- 21 *Alcedo paradisea* Linnaeus, 1766, espécie que não ocorre em Portugal. Nos inventários escritos em português, está referenciado o "Marinho pescador", ou guarda-rios, mas essa espécie foi designada por Lineu como *Gracula atthis* Linnaeus, 1758.
- 22 *Upupa epops* Linnaeus, 1758, uma espécie que nidifica na Europa e Ásia, nomeadamente em Portugal.
- 23 Saí-de-perna-amarela, *Certhia caerulea* Linnaeus, 1758 e cambacica, *Certhia flaveola* Linnaeus, 1758, espécies da América do Sul, incluindo o Brasil.
- 24 Beija-flor-de-cabeça-preta, *Trochilus polytmus* Linnaeus, 1758, uma espécie endémica da Jamaica; beija-flor-de-cinta, *Trochilus leucurus* Linnaeus, 1766, uma espécie da bacia amazónica.
- 25 Cisne-branco, *Anas cygnus* Linnaeus, 1758, uma espécie invernante na Europa; Cisne-ganso, *Anser cygnoides* (Linnaeus, 1758).
- 26 *Alca* Linnaeus, 1758.
- 27 Nos inventários escritos em português está indicado "Andorinha do Brasil" e "andorinha grande do Rio das Amazonas".
- 28 *Ardea americana* Linnaeus, 1758, uma espécie da América do Norte, hoje ameaçada.
- 29 Nos inventários da fauna portuguesa, Vandelli identificou três espécies de *Scolopax* Linnaeus, 1758.
- 30 Nos inventários da fauna portuguesa, Vandelli identificou duas espécies de *Tringa* Linnaeus, 1758.
- 31 Na fauna de Portugal existem várias espécies de *Charadrius* Linnaeus, 1758, que contudo não constam dos inventários feitos por Vandelli.
- 32 Nos inventários da fauna portuguesa, Vandelli identificou duas espécies de *Fulica* Linnaeus, 1758.
- 33 *Parra* Linnaeus, 1766.
- 34 Em Portugal existe o frango-d'água (*Rallus aquaticus* Linnaeus, 1758), espécie mencionada por Vandelli nos inventários.
- 35 *Struthio* Linnaeus, 1758.
- 36 *Pavo cristatus* Linnaeus, 1758, o pavão-comum-da-Índia, uma espécie referida por Vandelli como sendo exótica em Portugal. Viveria certamente em parques e jardins.
- 37 *Phasianus gallus* Linnaeus, 1758, o galo-vermelho-da-Ásia, uma espécie referida por Vandelli como sendo exótica em Portugal. Viveria certamente em parques e jardins.
- 38 *Phasianus pictus* Linnaeus, 1758, uma espécie das montanhas da China, referida por Vandelli como sendo exótica em Portugal. Viveria certamente em parques e jardins. Esses dois faisões são referidos nos inventários escritos em português como "Faisões dourados e prateado de China".
- 39 *Phasianus nyctemerus* Linnaeus, 1758, uma espécie do sudeste asiático e China.
- 40 *Tetrao perdix* Linnaeus, 1758, uma espécie da fauna portuguesa referida por Vandelli nos seus inventários.

“com três patas”, pombos,⁴¹ lavercas,⁴² estorninhos,⁴³ cruza-bicos,⁴⁴ escrevedeiras,⁴⁵ tentilhões,⁴⁶ papa-moscas,⁴⁷ alvéolas,⁴⁸ chapins⁴⁹ e noitibós.⁵⁰

Os répteis estariam representados por exemplares taxidermizados, em álcool,⁵¹ e suas peles.⁵² Dos anfíbios, existiam exemplares dos seguintes animais (ordem do catálogo): várias espécies de tartarugas, a tartaruga-verde⁵³ e a tartaruga-de-pente⁵⁴ “e duas outras espécies”, sapos-comuns,⁵⁵ rãs-verde,⁵⁶ crocodilos-comuns,⁵⁷ lagartos-espinhosos,⁵⁸ lagartos-da-areia,⁵⁹ lagartos-peixe-de-areia,⁶⁰ falso-camaleão-marmorado,⁶¹ tritão-comum.⁶² As serpentes estavam representadas pelas seguintes espécies (ordem do catálogo): cascavéis,⁶³ anacondas-comuns,⁶⁴

-
- 41 Vandelli refere várias espécies de *Columba* Linnaeus, 1758 da fauna portuguesa.
- 42 Vandelli refere várias espécies de *Alauda* Linnaeus, 1758 da fauna portuguesa.
- 43 Vandelli refere várias espécies de *Sturnus* Linnaeus, 1758 da fauna portuguesa.
- 44 *Loxia* Linnaeus, 1758. O bico-grossudo, *Loxia coccothraustes* Linnaeus, 1758, foi mencionado por Vandelli nos inventários da fauna portuguesa.
- 45 Vandelli refere duas espécies de *Emberiza* Linnaeus, 1758 da fauna portuguesa.
- 46 Nos inventários escritos em português, estão indicadas duas espécies: 1. “Fringilla Canariensis”, que pretende indicar um qualquer tentilhão das Canárias, dado que este nome só foi criado em 1783, por Pieter Boddaert, *Fringilla canariensis* Boddaert, 1783; 2. “Fringilla de S. Thomé”.
- 47 Em Portugal existe o papa-moscas-cinzento (*Muscicapa striata* (Pallas, 1764)), espécie contudo não referida por Vandelli nos inventários da fauna portuguesa.
- 48 Vandelli refere várias espécies de *Motacilla* Linnaeus, 1758 da fauna portuguesa.
- 49 Vandelli refere várias espécies de *Parus* Linnaeus, 1758 da fauna portuguesa.
- 50 Vandelli refere nos seus inventários o noitibó-da-europa (*Caprimulgus europaeus* Linnaeus, 1758).
- 51 Nos inventários da coleção redigidos em português, indica-se: “Frasco com Lagartos de varias espécies em esp.º de vinho”, “Frascos com diferentes cobras do Brazil, e de Portugal”.
- 52 Nos inventários da coleção, redigidos em português, refere-se: “Peles de Giboja”, “Pele de Giboja cortida”, “Peles de Cobras Bojas”.
- 53 *Testudo mydas* Linnaeus, 1758, espécie mencionada por Vandelli nos inventários da fauna portuguesa.
- 54 *Testudo imbricata* Linnaeus, 1766, uma espécie actualmente criticamente em perigo. Não foi mencionada por Vandelli para a fauna portuguesa.
- 55 *Rana bufo* Linnaeus, 1758 e *Rana rubeta* Linnaeus, 1758, hoje consideradas como sinónimos, sendo o nome actual *Bufo bufo* (Linnaeus, 1758). Espécie mencionada por Vandelli nos inventários da fauna portuguesa.
- 56 *Rana esculenta* Linnaeus, 1758. Esse nome consta dos inventários de Vandelli da fauna de Portugal, mas não existe na Península Ibérica. Existe uma espécie muito semelhante à lineana – *Rana perezi* Seoane, 1885, que alguns autores até consideraram como uma sub-espécie da lineana – *Rana esculenta perezi* Boulenger, 1886.
- 57 *Lacerta crocodilus* Linnaeus, 1758, uma espécie que se distribui por África, Ásia e Américas.
- 58 *Lacerta azurea* Linnaeus, 1758, uma espécie das árvores da floresta amazónica.
- 59 *Lacerta agilis* Linnaeus, 1758, uma espécie presente na maior parte dos países europeus, mas não em Portugal.
- 60 *Lacerta scincus* Linnaeus, 1758, uma espécie do deserto do Saara e da Península Arábica.
- 61 *Lacerta marmorata* Linnaeus, 1758, uma espécie da Guiana Francesa e do norte do Brasil.
- 62 *Lacerta palustris* Linnaeus, 1758, uma espécie presente na maior parte dos países europeus, mas não na Península Ibérica.
- 63 *Crotalus* Linnaeus, 1758, serpentes das Américas. Nos inventários escritos em português indicou “Cascaveis de Cobra”.
- 64 *Boa scytale* Linnaeus, 1758, uma espécie da América do Sul, incluindo o Brasil. Nos inventários escritos em português está referido “Peles de Cobras Bojas”.

serpentes-oligodon,⁶⁵ víboras-da-areia-do-Saara,⁶⁶ cobras-de-colar,⁶⁷ víbora-do-norte,⁶⁸ cobra-de-água-com-bandas,⁶⁹ cobra-real-escarlate,⁷⁰ licranço,⁷¹ "Amphisbaena".⁷²

Os peixes estavam especialmente bem representados, tanto os cartilagíneos, como os ósseos.⁷³ Dentro do grupo lineano *Nantes*, existiam exemplares das seguintes espécies (ordem da catálogo): lampreia-do-mar; dentro do género *Raja* Linnaeus, 1758, a tremelga, raia, ratão-águia, uge, raia-lenga, viola; no grupo do género *Squalus* Linnaeus, 1758: o cação-galhudo, peixe-porco, lixinha, anjo, tubarão-perna-de-moça, pata-roxa, cação-morraceiro, espadarte-serra; e ainda o tamboril, o peixe-lua,⁷⁴ e o trombeteiro.⁷⁵ Dentro do grupo lineano *Pisces*, estavam representadas as seguintes espécies (ordem do catálogo): moreia, cobra-pintada,⁷⁶ enguia-europeia, enguia-eléctrica,⁷⁷ peixe-espada-branco,⁷⁸ peixe-cobrelo,⁷⁹ pâmpano,⁸⁰ agulha,

65 *Coluber calamarius* Linnaeus, 1758, uma espécie endémica do Ceilão.

66 *Coluber vipera* Linnaeus, 1758.

67 *Coluber punctatus* Linnaeus, 1766, uma espécie da América do Norte.

68 *Coluber berus* Linnaeus, 1758, uma espécie presente na Europa Central. O nome seguinte da lista é *Coluber cherssea*, actualmente considerado como sinónimo da espécie anterior.

69 *Coluber fasciatus* Linnaeus, 1766, uma espécie dos EUA.

70 *Coluber doliatus* Linnaeus, 1766, nome suprimido pelo código de nomenclatura zoológico por ser homónimo de nome já existente. Nome actual desta cobra, *Lampropeltis elapsoides* (Holbrook, 1838), uma espécie dos EUA.

71 Só é indicado o nome genérico *Anguis* Linnaeus, 1758. Esta espécie, *Anguis fragilis* Linnaeus, 1758, existe em Portugal, mas não foi referida por Vandelli nos seus inventários da fauna portuguesa.

72 Só é indicado o nome genérico, mas Vandelli, tendo encontrado em Portugal a cobra-cega, uma cobra que não se encontrava na obra lineana, descreve-a pormenorizadamente nos manuscritos e em *Florae et Faunae Lusitanae specimen* (p. 69) e designa-a de *Amphisbaena cinerea* Vand. Era uma espécie nova para a ciência, que hoje permanece como válida, apesar de ter uma nova combinação (*Blanus cinereus* (Vandelli, 1797)). Serão exemplares dessas espécie os contidos nessa colecção?

73 Para os nomes comuns usou-se a base de dados Fishbase e a obra de Albuquerque (1954-1956).

74 Não consta dos inventários da fauna portuguesa de Vandelli, mas ocorre nas costas portuguesas.

75 Só indicado o nome genérico, que não consta dos inventários da fauna portuguesa. Todavia, o trombeteiro, *Centriscus scolopax* (Linnaeus, 1758), é uma espécie que ocorre nas costas portuguesas.

76 *Muraena ophis* Linnaeus, 1758 não consta dos inventários de Vandelli, nem ocorre nas costas portuguesas. Ocorre nas costas ocidentais de África e em águas brasileiras.

77 Só indicado o nome genérico, mas pode tratar-se desse peixe. *Gymnotus electricus* Linnaeus, 1766 não consta dos inventários, nem ocorre nas costas portuguesas. Ocorre em alguns rios do Brasil.

78 Só indicado o nome genérico, mas pode tratar-se desse peixe. Essa espécie, abundante nas costas atlânticas europeias, norte-africanas e sul-africanas, ainda não tinha sido descrita ao tempo de Vandelli, que a descreve minuciosamente nos manuscritos *Historiae Naturalis Lusitaniae* e *Historia Naturalis Olisiponensis* atribuindo-lhe a combinação *Trichiurus ensiformis*. Voltaria a publicar o nome novo em *Florae et Faunae Lusitanae specimen* (1787-1797), mas sem a diagnose. De acordo com as regras modernas da nomenclatura zoológica, as espécies novas que se conservaram em manuscrito e as que, sendo publicadas em obra impressa, não apresentam explicitamente o respectivo epíteto e diagnose, não podem ser consideradas, pelo que o nome de Vandelli, apesar de ter prioridade, não é válido. Essa espécie seria descrita em 1788 por Bengt Anders Euphrasén, com o nome de *Trichiurus caudatus*, baseado em animais recolhidos no Cabo da Boa Esperança. Nos inventários redigidos em português, está indicado "Peixe Spada".

79 *Ophidion barbatum* Linnaeus, 1758 não consta dos inventários de Vandelli, mas ocorre nas costas portuguesas. Nos dois inventários da fauna portuguesa e também posteriormente em *Florae et Faunae Lusitanae specimen* (1787-1797) Vandelli indica a existência nas águas portuguesas de *Ophidium imberbis* Linnaeus, 1766, mas essa espécie só ocorre actualmente no Atlântico Norte.

80 Só indicado o nome genérico, mas pode tratar-se de *Stromateus fiatola* Linnaeus, 1758, a espécie mencionada nos inventários da fauna portuguesa.

peixe-pau-lira,⁸¹ cabeçudo,⁸² "Gadus",⁸³ "Blennius",⁸⁴ doirado,⁸⁵ caboz,⁸⁶ rascasso, "Zeus gallus",⁸⁷ linguado, rodovalho, chaputa,⁸⁸ "Sparus",⁸⁹ "Labrus",⁹⁰ "Sciæna",⁹¹ perca-europeia,⁹² peixe-leão-vermelho,⁹³ "Scomber",⁹⁴ salmonete,⁹⁵ "Trigla",⁹⁶ verdemã,⁹⁷ mugem,⁹⁸ "Esox",⁹⁹ "Exocætus",¹⁰⁰ "Clupea",¹⁰¹ e "Cyprinus".^{102,103}

- 81 Só indicado o nome genérico, mas pode tratar-se de *Callionymus dracunculus* Linnaeus, 1758, a espécie mencionada nos inventários.
- 82 Só indicado o nome genérico, mas pode tratar-se de *Uranoscopus scaber* Linnaeus, 1758, a espécie mencionada nos inventários.
- 83 Só indicado o nome genérico. Nos inventários Vandelli menciona três espécies desse género da fauna portuguesa, *Gadus barbatus* Linnaeus, 1758, *Gadus merluccius* Linnaeus, 1758 e *Gadus mustela* Linnaeus, 1758.
- 84 Só indicado o nome genérico que não consta dos inventários da fauna portuguesa. Existem várias espécies nas costas portuguesas.
- 85 Só indicado o nome genérico que não consta dos inventários. Pode tratar-se de *Coryphaena equiselis* Linnaeus, 1758, a espécie mais comum nas águas portuguesas.
- 86 Só indicado o nome genérico, mas pode tratar-se de *Gobius jazo* Linnaeus, 1758, a espécie mencionada nos inventários da fauna portuguesa.
- 87 Espécie lineana mas actualmente não aceita na nomenclatura zoológica.
- 88 Só indicado o nome genérico. Nos dois inventários, Vandelli descreve uma espécie nova de peixe, com o nome comum de "çiputta", a que chama de *Chætodon plumbeus*. Apresenta uma diagnose e uma descrição pormenorizada que permaneceram em manuscrito, não sendo válidas do ponto de vista nomenclatural moderno. Pelo nome vulgar e pela descrição, Vandelli estaria possivelmente a referir-se à chaputa, um peixe muito vulgar nos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico sul. Seria descrito em obra impressa pouco tempo depois, em 1788, como *Sparus brama*, por Bonnaterre.
- 89 Só indicado o nome genérico. Nos inventários da fauna portuguesa, Vandelli menciona cinco espécies.
- 90 Só indicado o nome genérico. Nos inventários da fauna portuguesa, Vandelli menciona várias espécies, algumas de problemática interpretação.
- 91 Só indicado o nome genérico. Nos inventários da fauna portuguesa, Vandelli menciona várias espécies desse género, algumas de problemática interpretação.
- 92 É interessante que essa espécie existe hoje em muitos rios europeus, mas só recentemente foi observada (pescada) no Tejo superior (Banha, Ilhéu, Anastácio, 2015).
- 93 *Gasterosteus volitans* Linnaeus, 1758 não consta dos inventários, nem ocorre nas águas de Portugal continental. É uma espécie do Índico Oriental e do Pacífico.
- 94 Só indicado o nome genérico. Nos inventários da fauna portuguesa, Vandelli menciona quatro espécies.
- 95 Só indicado o nome genérico. Nos inventários da fauna portuguesa, Vandelli menciona duas espécies com esse nome comum.
- 96 Só indicado o nome genérico. Nos inventários da fauna portuguesa, Vandelli menciona quatro espécies.
- 97 Só indicado o nome genérico que não consta dos inventários. Pode tratar-se de *Cobitis taenia* Linnaeus, 1758, a espécie mais comum nas águas portuguesas.
- 98 Só indicado o nome genérico, mas pode tratar-se de *Mugil cephalus* Linnaeus, 1758, a espécie mencionada nos inventários da fauna portuguesa.
- 99 Só indicado o nome genérico. Nos inventários da fauna portuguesa, Vandelli menciona duas espécies.
- 100 Só indicado o nome genérico que não consta dos inventários. Existem várias espécies nas águas de Portugal continental.
- 101 Só indicado o nome genérico. Nos inventários da fauna portuguesa, Vandelli menciona duas espécies com esse nome comum.
- 102 Só indicado o nome genérico. Nos inventários da fauna portuguesa, Vandelli menciona duas espécies com esse nome comum.
- 103 Por baixo dos nomes genéricos de *Scomber* a *Cyprinus*, Vandelli refere que "várias espécies" pretendendo certamente dizer que para cada um desses géneros existiam exemplares de várias espécies, o que nos levou a fazer a interpretação que apresentamos nas notas anteriores.

A colecção “copiosa” de insectos, “cujos nomes eu omito por uma questão de brevidade”, da fauna de Portugal e do Brasil, estava arrumada em “16 caixas de vidro” (Doc. III de Cruz, 1976, p. 45). Estavam representados exemplares dos principais grupos lineanos (coleópteros, hemípteros, lepidópteros, neurópteros, himenópteros, dípteros, ápteros), que também fazem parte dos inventários da fauna portuguesa registados nos dois manuscritos, *Historiae Naturalis Lusitaniae* e *Historia Naturalis Olisiponensis*.

No grupo lineano de Vermes, estava representado o género *Tethys* Linnaeus, 1767,¹⁰⁴ hoje considerado como um molusco gastrópode. O catálogo regista ainda “vários” equinodermes – estrelas-do-mar¹⁰⁵ e ouriços-do-mar.¹⁰⁶

Relativamente aos “Testacea molluscula” (hoje incluídos nos moluscos e nos crustáceos), a colecção continha espécies dos “mares europeu, asiático e americano”, e espécies terrestres, “dos quais” Vandelli refere que “apenas” apresenta “os nomes genéricos” (Doc. III de Cruz, 1976, p. 46). Menciona os percebes¹⁰⁷ (*Lepas* Linnaeus, 1758), e os seguintes géneros lineanos da fauna portuguesa também mencionados nos manuscritos *Historiae Naturalis Lusitaniae* e *Historia Naturalis Olisiponensis* (ordem do texto): *Tellina*, *Spondylus*, *Anomia*, *Voluta*, *Trochus*, *Haliotis*, *Pholas*, *Cardium*, *Chama*, *Mytilus*, *Buccinum*, *Turbo*, *Patella*, *Donax*, *Pinna*, *Strombus*, *Helix*,¹⁰⁸ *Serpula*, *Solen*, *Venus*, *Ostrea*, *Bulla*, *Murex*, *Nerita* e *Teredo*. Da lista constam ainda os géneros lineanos *Mya*, *Cypraea* e *Argonauta*, todos representados na fauna portuguesa, todavia com um número muito reduzido de espécies lineanas,¹⁰⁹ que Vandelli não registou nos inventários da fauna portuguesa. As conchas do género *Nautilus* Linnaeus, 1758, de grande aparato estético faziam parte de todos os gabinetes de conquiologia e também fazem parte dessa lista. São animais modernamente restringidos ao Pacífico Sudoeste. Finalmente o género *Conus* Linnaeus, 1758, também mencionado por Vandelli, mas representado em Portugal por duas espécies só descritas depois de Lineu – *Conus ventricosus* Gmelin, 1791 e *Conus desidiosus* A. Adams, 1854 (Macedo, Macedo, Borges, 1999; Alf et al., 2020). São também conchas muito vistosas e presentes em todas as colecções conquiológicas. A área mais rica em espécies é o Pacífico Ocidental e Oceano Indiano, também ocorrendo na costa ocidental e sul de África e nas Caraíbas.

Dentro do grupo lineano *Litophyta*, são mencionados os géneros lineanos de corais (cnidários) *Tubipora*, *Madrepora*, *Millepora*, sendo os dois últimos mencionados por Vandelli nos inventários da fauna portuguesa.

Relativamente ao grupo lineano *Zoophyta*, a colecção tinha exemplares dos géneros lineanos *Isis*, *Corallina*, *Spongia*, *Alcyonium*, *Sertularia* e *Tubularia*, sendo os três últimos também mencionados nos inventários da fauna portuguesa de Vandelli.

Em termos de plantas, a colecção coligida por Vandelli continha madeiras e frutos exóticos, sementes, ritidomas de árvores, cogumelos, gomas, resinas, bálsamos e um herbário (“Hortus siccus” no inventário redigido em italiano e latim, e “Ervario, ou prantas [sic] secas em papel”

104 Da fauna portuguesa, Vandelli tinha registado nos inventários *Tethys leporina* Linnaeus, 1758.

105 Da fauna portuguesa, Vandelli tinha registado nos inventários três espécies.

106 Da fauna portuguesa, Vandelli tinha registado nos inventários *Echinus esculentus* Linnaeus, 1758.

107 Nos inventários da fauna portuguesa tinha referido quatro espécies lineanas e uma espécie nova – *Lepas unguiculata*, para a qual apresenta uma diagnose.

108 Transcrito como “*Heliae*”, género que não existe.

109 *Mya arenaria* Linnaeus, 1758, *Cypraea lurida* Linnaeus, 1758, *Cypraea spurca* Linnaeus, 1758, *Argonauta argo* Linnaeus, 1758.

num dos inventários escritos em português) “composto por cerca de 2.000 plantas”. Em *Historia Naturalis Olisiponensis*, Vandelli tinha inventariado cerca de nove centenas de espécies de espermatófitas, pteridófitas, musgos e hepáticas, indígenas da flora portuguesa e cultivadas (Cabral, Borges, Costa, 2020). É provável que esse herbário contivesse vários exemplares de muitas dessas espécies, e ainda exemplares da flora de outros países em particular do Brasil, flora da qual descreveu, em *Fasciculus Plantarum* (1771), várias espécies novas para a ciência.

A designação do herbário como “*Hortus siccus*” merece alguns comentários, quando no inventário da primeira colecção foi usado o termo “*Herbarium*”. Em latim, a palavra *herbarius* designa um colector de plantas e a de *herbarium* um tratado de botânica, geralmente ilustrado (uma *Historia plantarum*, um herbal) ou mais raramente uma colecção de plantas e produtos medicinais. Entre os *herbaria* mais antigos que chegaram até nós, destaca-se o de Apuleius Platonius (desconhece-se a identidade deste compilador), composto por volta de 350 d.C. e impresso pela primeira vez no século XV por Johannes Philippus de Lignamine, a partir de um manuscrito depositado na abadia de Monte Cassino, possivelmente do século IX. Um outro *herbarium* impresso no século XV foi o *Hortus sanitatis* que saiu do prelo de Jacob Meydenbach em 1491, mas que muito deve ao *Herbarius zu Teutsch, Gart der Gesundheit*, uma obra compilada possivelmente por Johann von Cube, médico em Frankfurt. Já no século XVI foram muitos os *herbaria* impressos, como o de *Herbarium* de Brunfels, de Turner, o *Herbario Nuovo* de Castore Durante e de Gerard. Este significado da palavra *herbarium* manteve-se até ao século XVII.

O que modernamente se chama de herbário, uma colecção de plantas prensadas e secas, fixadas (ou coladas) em folhas de papel e etiquetadas (com a identificação da planta, nome do colector, data e local da colheita do espécime), era chamado nos séculos XVI-XVII de *Hortus hiemalis* (“Jardim de inverno”) ou *Hortus siccus* (“Jardim seco”). Adrian Spieghel na sua obra *Isagoge in rem herbariam*, publicada em Pádua em 1606, usa precisamente esta designação de *Hortus hyemalis*. Dá instruções pormenorizadas sobre a forma de preparar um herbário, constituindo a primeira descrição impressa do método. A palavra *herbarium* no sentido de herbário surge impressa pela primeira vez nos *Elemens de botanique* de Tournefort, de 1694. Tendo sido inventada, muito provavelmente em finais da primeira metade do século XVI, a forma de preparar um herbário manteve-se durante décadas um processo transmitido oralmente mas que se terá difundido com rapidez. A encadernação das folhas de herbário em volumes, como se de livros se tratasse, manteve-se até aos inícios do século XVIII. Já não seria usada por Lineu que utilizaria as folhas soltas (Saint-Lager, 1885; Arber, 1938; DeWolf, 1968).

Finalmente, a colecção do reino mineral, que continha exemplares de rochas, minerais, sais, metais, fósseis e terras.

O inventário termina referindo que a colecção completa podia ser transportada em 16 ou 18 caixas, mas naturalmente não sabemos de que dimensões seriam, nem podemos conjecturar em virtude das várias lacunas que o catálogo apresenta.

Considerações finais

Reformada em 1772 por iniciativa do marquês de Pombal, a Universidade de Coimbra teve em Domingos Vandelli um actor de primeira relevância nomeadamente em termos do ensino da história natural, com a criação de um jardim botânico e de um gabinete de história natural.

Esse gabinete incorporou duas colecções que tinha organizado, uma em Itália antes de 1763, e outra em Lisboa, entre 1764 e 1772. Colecções excepcionais pela quantidade e diversidade de espécimes dos três reinos da natureza, e ainda pela presença de antiguidades italianas e de outros países mediterrâneos. Por meio da análise dos inventários das duas colecções e tendo em conta os manuscritos *Historiae Naturalis Lusitaniae* e *Historia Naturalis Olisiponensis*, foi possível fazer, com razoável segurança e pela primeira vez (que tenhamos conhecimento), uma reconstituição dos animais e plantas presentes nas duas colecções. Dentro do reino animal estavam representados os principais grupos lineanos, sobretudo com exemplares da fauna portuguesa e brasileira. Relativamente ao reino vegetal, os herbários deviam conter uma boa representação da flora portuguesa, e ainda apresentar exemplares da flora italiana e brasileira. Existiam ainda madeiras, frutos exóticos, sementes, ritidomas de árvores, cogumelos, gomas, resinas e bálsamos. Essas duas colecções certamente que terão enriquecido a então criada Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, tanto em termos de ensino como de investigação no âmbito da história natural.

Referências bibliográficas

Obras de Vandelli

Historiae Naturalis Lusitaniae. Hortus Olisiponensis exhibens plantas exoticas horti regii specimenque Historiae Naturalis Lusitaniae cum novis generibus et specibus. Biblioteca Nacional de Portugal, ms 3750, 1771. Disponível em: <http://purl.pt/15104>. Acesso em: 22 jul. 2024.

Historia Naturalis Olisiponensis. Biblioteca Pública Municipal do Porto, ms BPMP 1127, s.d. Conteúdo estruturado (cópias públicas em formato html e pdf) disponível em: http://arquivodigital.cm-porto.pt/Conteudos/Conteudos_BPMP/MS-1127/MS-1127.htm. Acesso em: 22 jul. 2024.

Diccionario dos termos technicos de historia natural. Diccionario dos termos technicos de Historia Natural extrahidos das obras de Linnéo, com a sua explicação, e estampas abertas em cobre, para facilitar a intelligencia dos mesmos e Memoria sobre a utilidade dos jardins botanicos, que offrece à Raynha D. Maria I, Nossa Senhora, Domingos Vandelli, Director do Real Jardim Botanico, e Lente das Cadeiras de Chymica, e de Historia Natural na Universidade de Coimbra, &c. Coimbra: Na Real Officina da Universidade, 1788. (301 p. + 20 estampas de grande formato, representando todos os principais grupos de animais e plantas)

Fasciculus Plantarum cum novis generibus, et speciebus. Olisipone: Ex Typographia regia, 1771. (20 p. + 4 estampas)

Florae et Faunae Lusitanicae specimen (1787-1797). *Florae, et Faunae Lusitanicae specimen*. Coimbra, 1 abr. 1787. (Publicado nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, v. I, desde 1780 até 1788, p. 37-79, 1797).

Florae Lusitanicae et Brasiliensis specimen. Conimbricae: Ex Typographia Academico-Regia, 1788. p. 1-69.

Memoria sobre a utilidade dos jardins botanicos. Memoria sobre a utilidade dos jardins botanicos a respeito da agricultura, e principalmente da cultivação das charnecas. Coimbra: Na Real Officina da Universidade, 1788. p. 293-301. (Encadernado com *Diccionario dos termos technicos de Historia Natural*)

Saggio d'Istoria Naturale del Lago di Como della Valsasina e altri luoghi lombardi. Milano: Editoriale Jaca Book Spa, [1763] 1989.

Outras obras

- ALBUQUERQUE, R.M. Peixes de Portugal e ilhas adjacentes: chaves para a sua determinação. *Portugaliae Acta Biologicae*, série B, v. 5, p. 1-1164, 1954-1956.
- ALF, A.; BREZINGER, B.; HASZPRUNAR, G.; SCHRÖDL, M.; SCHWABE, E. *A guide to marine molluscs of Europe*. Harxheim: ConchBooks, 2020.
- ARBER, A. *Herbals: Their origin and evolution. A chapter in the history of botany, 1470-1670*. Cambridge: At the University Press, 1938.
- BANHA, F.; ILHÉU, M.; ANASTÁCIO, P. M. Angling web forums as an additional tool for detection of new fish introductions: the first record of *Perca fluviatilis* in continental Portugal. *Knowledge and Management of Aquatic Ecosystems*, n. 416, art. n. 3, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1051/kmae/2014039>.
- CABRAL, J.P.S. Gonçalo Sampaio e a história da botânica. *Memórias da Sociedade Broteriana*, v. 34, p. 1-415, 2010.
- CABRAL, J.P.S. *A história natural de Portugal em Domingos Vandelli*. Lisboa: Colibri, 2018.
- CABRAL, J.P.S. As coleções de história natural do Museu da Ajuda (Lisboa) e a Guerra Peninsular (1807-1808): as elites portuguesas face ao poder napoleónico. *Lull*, v. 44, p. 101-124, 2021.
- CABRAL, J.P.S. *A história natural no Iluminismo*. Lisboa: Colibri, 2022.
- CABRAL, J.P.S.; BORGES, F.S.; COSTA, J.M.R. *Um manuscrito inédito de Domingos Vandelli, Historia naturalis Olisiponensis (BPMPMs. 1127): leitura, interpretação e discussão*. Porto: UPorto Press, 2020.
- COSTA, A.M.A. *Primórdios da ciência química em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984. (Biblioteca Breve, 92)
- COSTA, A.M.A. Domingos Vandelli (1730-1816) e a filosofia natural na Universidade de Coimbra. *Memórias e Notícias, Publicações do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico*, Coimbra, n. 106, 1988.
- CRUZ, L. Domingos Vandelli: alguns aspectos da sua actividade em Coimbra. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Coimbra, v. II, p. 5-100, 1976.
- CRUZADO. In: *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, v. 8, p. 173-174. Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1935-1957.
- DEWOLF, G.P. Notes on making an herbarium. *Arnoldia*, v. 28, n. 8-9, p. 69-111, 1968.
- ESTATUTOS da Universidade de Coimbra do ano MDCCLXXII. Livro III. Que contém os cursos Das Sciencias Naturaes e Filosoficas. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1773.
- GODINHO, V.M. *Prix et monnaies au Portugal*. Paris: Armand Colin, 1955.
- MACEDO, M.C.C.; MACEDO, M.I.C.; BORGES, J.P. *Conchas marinhas de Portugal*. Lisboa: Verbo, 1999.
- SAINT-LAGER, J.-B. Histoire des herbiers. *Annales de la Société Botanique de Lyon, Notes et Mémoires*, v. 13, p. 1-120, 1885.

Recebido em 15/07/2024

Aceito em 20/12/2024